

GIVALDO BARBOSA



Após 8 horas de reunião, Jul e Reichmann saíram do Planalto sem uma definição

Gasto do governo não permite acerto do FMI

As dificuldades para se chegar a um acerto em torno dos gastos governamentais neste restante de ano impediram ontem o encerramento dos trabalhos da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), que marcou para hoje mais uma reunião no Palácio do Planalto com os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernane Galvêas, além do presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore.

“Estou otimista” — foi tudo que declarou o chefe da Divisão do Atlântico do FMI, Thomas Reichmann, após o encontro que durou mais de cinco horas, além de duas ou três horas gastas com o almoço no próprio Palácio e com as au-

sências dos ministros, chamados a despachar com o presidente João Figueiredo. O economista acredita que pode terminar os trabalhos ainda hoje, permitindo que a missão viaje de volta a Washington já amanhã.

O secretário de Planejamento da Seplan, José Augusto Arantes Savasini, informou apenas que “faltam alguns detalhes operacionais”, sem adiantar nenhum número das metas de setembro e dezembro que constarão da sexta Carta de Intenções. “Não foi possível fechar o déficit público ou o crédito interno líquido porque as metas têm que ser fechadas em conjunto” — acrescentou o assessor de Delfim Netto,

encarregado do controle do déficit público durante as discussões com a missão do Fundo Monetário.

A missão chegou ao Planalto por volta das 10 horas, subindo direto para o gabinete do ministro do Planejamento. Logo depois chegaram Ernane Galvêas e Afonso Pastore. Por volta das 13 horas, quando normalmente terminam estas reuniões, soube-se que os técnicos do FMI não iriam sair para almoçar porque não fora possível encerrar os trabalhos. Somente por volta das 18h30min é que deixaram o Palácio. Além do chefe da Divisão do Atlântico, participaram da reunião Ana Maria Jul, Henrique Ghesquiere, Joris Buyse e Robert Sheehy.